

**MÚSICA**  
NA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Festival Beethoven & Brahms

# OUSADIA E EXALTAÇÃO

ULISBOA.PT

## AULA MAGNA

ORQUESTRA  
METROPOLITANA  
DE LISBOA

29 OUT '22 19h00

António Rosado Piano

Pedro Neves Maestro

U LISBOA | UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



METROPOLITANA

O primeiro dos dois concertos para piano de Brahms começou por ser uma simples sonata para dois pianos. Transformou-se, porém, na sua primeira obra orquestral, e desde logo com uma escrita grandiosa, capaz de prender a nossa respiração desde o primeiro ao último minuto. A audácia valeu-lhe o reconhecimento público que o acompanhou até ao final da vida. Reconhece-se um efeito semelhante na Sinfonia N.º 7 de Beethoven, uma obra cujos contrastantes humores serviram na estreia, em 1813, para enaltecer a bravura das tropas austríacas que haviam enfrentado as tropas de Napoleão Bonaparte semanas antes. Pelo meio, a Orquestra Metropolitana de Lisboa estreia mais uma composição de Francisco Lima da Silva, *Cidades Submersas*.

## OUSADIA E EXALTAÇÃO

29 OUT • 19h00 • 90 min

**Ludwig van Beethoven** (1770-1827)

Sinfonia N.º 7, em Lá Maior, Op. 92 (1811-12)

36 min.

I. *Poco sostenuto - Vivace*

II. *Allegretto*

III. *Presto - Assai meno presto*

IV. *Allegro con brio*

**Francisco Lima da Silva** (n. 1992)

*Cidades Submersas* (estreia absoluta)

9 min.

**Johannes Brahms** (1833-1897)

Concerto para Piano N.º 1, em Ré Menor, Op. 15 (1858)

44 min.

I. *Maestoso*

II. *Adagio*

III. *Rondo: Allegro non troppo*

## Um Génio Bem Sucedido

**Contrariando a opinião corrente de que o génio romântico é um sujeito inevitavelmente incompreendido pelos que o rodeiam, a estreia da Sétima Sinfonia de Beethoven, em 1813, foi um assinalável sucesso. Já antes, o compositor alemão havia alcançado a fama e tornara-se num dos compositores mais respeitados da época, em particular no domínio da música instrumental, já que Rossini começava a conquistar os teatros líricos de toda a Europa.**

Entre 1805 e 1809, a cidade de Viena esteve sob ocupação. Só em 1813 os austríacos respiraram fundo, depois da derrota de Napoleão Bonaparte na Batalha das Nações, em Leipzig, e da Batalha de Hanau, que ocorreu duas semanas depois, a 30 de outubro. Muito embora esta última não tivesse resultado na aniquilação definitiva das tropas francesas, traduziu-se, na prática, numa retirada. No ano seguinte as tropas aliadas entravam em Paris, e Napoleão procurava refúgio na ilha italiana de Elba. Uma vez ultrapassados todos aqueles anos de sofrimento, celebrava-se a bravura das tropas austríacas com entusiasmo.

Com sentido de oportunidade, Johann Mälzel, o homem que ficou equivocadamente associado à invenção do metrónomo, propôs a Beethoven a realização de um concerto de beneficência, como tributo em favor das famílias dos militares que perderam a vida. O concerto realizou-se passadas poucas semanas, no dia 8 de dezembro, na Universidade de Viena, com uma orquestra constituída ad hoc. Faziam dela parte alguns dos músicos mais prestigiados da cidade, tais como Giacomo Meyerbeer, Antonio Salieri e Louis Spohr. Apesar das indistintas carências auditivas, a direção musical foi confiada ao próprio compositor, o que nos permite hoje adivinhar a reverência que para com ele mantinham quer o público quer os seus pares.

Entre as obras que se fizeram ouvir, terá sido a *A Vitória Wellington* aquela que arrebatou maiores aplausos. Mas a estreia da Sinfonia N.º 7, apesar de ter sido escrita um ano antes, também conquistou os corações da plateia. O vigor rítmico e a disposição festiva da partitura adequava-se certeira à ocasião. A cadência pesarosa do segundo andamento também, pelo que se exigiu a

sua repetição. Em virtude do sucesso do acontecimento, o mesmo programa foi retomado alguns dias mais tarde, e a sinfonia foi tocada por diversas vezes nas semanas seguintes. Em fevereiro de 1814, juntou-se à Sinfonia N.º 8, que aguardava igualmente estreia desde o verão anterior. Vieram ambas a ser publicadas em conjunto, já no final de 1816.

*Rui Campos Leitão*

## Cidades Submersas

[nota do compositor]

«Vários estudos apontam que devido ao aumento do nível das águas, causado pelas alterações climáticas, diversas cidades costeiras irão ficar submergidas. Esta peça é sobre esse futuro. Descreve a imensa tragédia humana, a beleza apocalíptica dessa paisagem e também o poder que a natureza tem em curar-se, regenerar-se e criar vida uma vez mais.»

*Francisco Lima da Silva*

## A Ousadia de Brahms

**Durante muitos anos, Brahms foi pejorativamente conotado com a ala mais conservadora do século XIX. Hoje, porém, a influência do seu legado é por de mais evidente. No domínio orquestral (formato Concerto inclusive) seguiu a pegada de Beethoven. Ainda assim, ousou uma escrita emocionalmente mais intensa e com durações maiores, o que contrariava as expectativas de um público que à época não estaria disposto a tanto. Talvez por essa razão, o seu Concerto para Piano N.º 1, a primeira obra que compôs com orquestra, só vingou alguns anos após a estreia que teve lugar em Hanover, em 1858.**

Johannes Brahms tinha vinte e cinco anos de idade quando completou este primeiro concerto para piano. Já antes, tinha revelado o seu talento em várias sonatas para piano e canções, as quais também mereceram, em 1853, apreciações favoráveis de Schumann, de quem era próximo. Porém, esta foi a sua primeira composição para orquestra – lembra-nos isto que Brahms só fez estreiar a primeira sinfonia já com quarenta e três anos. O concerto surgiu a partir de uma sonata

para dois pianos esboçada em 1854, quando Schumann tinha acabado de ser internado num hospício, na sequência de uma tentativa de suicídio. Este episódio fatídico enredou a criação da obra. O dramatismo inicial corresponde-lhe plenamente, podendo ser entendido como uma expressão de lamento. Sendo verdade, o ânimo introspetivo do segundo andamento, que foi trabalhado já depois da morte de Schumann, em 1856, poderá dever-se à evocação da memória do malogrado músico. Em alternativa, uma leitura contrastante prefere entendê-lo como um «gentil retrato» de Clara Schumann, por quem Brahms sentia um profundo afeto. A estreia, em 1859, com o próprio compositor ao piano, foi recebida bastante friamente; em parte, em resultado das expectativas do público da época face a um concerto com solista. Inesperadamente, este concerto confiava um papel muito destacado à orquestra, relegando muitas vezes o piano para um papel de sustentação rítmica e harmónica. Aos trémulos nos tímpanos, aos densos uníssonos nas cordas, à intervenção criteriosa das madeiras, sobretudo no andamento central, juntavam-se inúmeros outros efeitos orquestrais que marcavam a diferença. Tal ousadia faria de Brahms um dos maiores sinfonistas de sempre.

*Rui Campos Leitão*

## **António Rosado, piano**

Dele disse a revista francesa Diapason que é um “intérprete que domina o que faz. Tem tanto de emoção e de poesia, como de cor e de bom gosto.” António Rosado tem uma carreira reconhecida nacional e internacionalmente, corolário do seu talento e do gosto pela diversidade, expressos num extenso repertório pianístico que integra obras de compositores tão diferentes como Georges Gershwin, Aaron Copland, Albéniz ou Liszt. Esta versatilidade permitiu-lhe apresentar, pela primeira vez em Portugal, destacadas obras como as Sonatas de Enescu ou paráfrases de Liszt, sendo o primeiro pianista português a realizar as integrais dos Prelúdios e também dos Estudos de Claude Debussy. No registo dos recitais pode incluir-se também a interpretação da integral das sonatas de Mozart e Beethoven. Actuou em palco, pela primeira vez, aos quatro anos de idade. Os estudos musicais

iniciados com o pai tiveram continuidade no Conservatório Nacional de Música de Lisboa onde terminou o curso Superior de Piano, com vinte valores. Aos dezasseis anos parte para Paris, e aí vem a ser discípulo de Aldo Ciccolini no Conservatório Superior de Música e nos cursos de aperfeiçoamento em Siena e Biella (Itália).

Em 1980, estreou-se em concerto com a Orchestre National de Toulouse, sob a direção de Michel Plasson e desde essa data tem tocado com inúmeras orquestras internacionais e notáveis maestros como: Georg Alexander Albrecht, Moshe Atzmon, Franco Caracciolo, Pierre Dervaux, Arthur Fagen, Léon Fleischer, Silva Pereira, Claudio Scimone, David Stahl, Marc Tardue e Ronald Zollman.

Também na música de câmara tem actuado com prestigiados músicos como Aldo Ciccolini, Maurice Gendron, Margarita Zimmermann, Gerardo Ribeiro ou Paulo Gaio Lima, com o qual apresentou a integral da obra de Beethoven para violoncelo e piano. Laureado pela Academia Internacional Maurice Ravel e pela Academia Internacional Perosi, António Rosado foi distinguido pelo Concurso Internacional Vianna da Motta e pelo Concurso Internacional Alfredo Casella de Nápoles. Estes prémios constituem o reconhecimento internacional do seu virtuosismo e o impulso para uma brilhante carreira, com a realização de recitais e concertos por todo o Mundo, e a participação em diversos festivais. Na década de 90, foi o pianista escolhido pela TFI para a gravação e transmissão de três programas - música espanhola e portuguesa, Liszt e, por fim, um recital preenchido com Beethoven, Prokofiev, Wagner, Liszt. Desde a década de 80, participou inúmeras vezes no Festival de Macau, nomeadamente com a Orq. Gulbenkian, Orq.M.L., Orq.N. da China - no concerto inaugural do Centro Cultural de Macau - Orq. Xangai, Orq. de Câmara de Macau e ainda com o clarinetista António Saiote.

O seu primeiro disco gravado na década de 80, em Paris, é dedicado a Enescu. Outros discos se seguiram, nomeadamente, as obras para piano de Vianna da Motta; um cd comemorativo dos 150 anos da passagem de Liszt por Lisboa; a Fantasia de Schumann e a Sonata de Liszt. Com o violinista Gerardo Ribeiro gravou as Sonatas para piano e violino de Brahms e com o pianista Artur Pizarro, um disco intitulado Mozart in Norway.

Com a NDR Sinfonieorchester de Hamburgo, gravou o Concerto n. 2 e Rapsódia sobre um tema de Paganini de Rachmaninov. Em Portugal gravou os dois Concertos de Brahms com a Orquestra Nacional do Porto, em 2004 a integral das Sonatas para piano de Fernando Lopes-Graça e em 2006 as oito suites "In Memoriam Bela Bartók" do mesmo compositor. Mais recentemente os Prelúdios de Armando José Fernandes e Luís de Freitas Branco e, em 2012, a integral das Músicas Festivas de Fernando Lopes-Graça. Em 2016, lançou um disco com a Integral dos Prelúdios de Debussy (Calanda Music) e em 2017, com o apoio da Fundação GDA, lançou um disco de autor dedicado às Sonatas para violoncelo e piano de César Franck e Luís de Freitas Branco, com o violoncelista Filipe Quaresma. António Rosado detém o prestigiado grau de Chevalier des Arts et des Lettres., distinção concedida pelo Governo Francês em 2007.

## Pedro Neves, maestro

Pedro Neves é atualmente Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de Maestro Titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi Maestro Titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, Maestro Associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma

elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça, Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respetivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.

## Orquestra Metropolitana de Lisboa

### Constituição

#### Flautas

Nuno Inácio  
Janete Santos

#### Oboés

Sally Dean  
Carla Pereira

#### Clarinetes

Nuno Silva  
Jorge Camacho

#### Fagotes

Lurdes Carneiro  
Rafaela Oliveira

#### Trompas

Daniel Canas  
Jérôme Arnouf  
Alexandre Pereira<sup>1</sup>  
Miguel Oliveira<sup>1</sup>

#### Trompetes

Sérgio Charrinho  
João Moreira

#### Tímpanos

Fernando Llopis

**1.ª Violinos**

Ana Pereira *concertino*  
José Pereira  
Alexêi Tolpygo  
Diana Esteves <sup>2</sup>  
Carlos Damas  
Diana Tzonkova  
Joana Dias  
Ana Filipa Serrão <sup>1</sup>

**2.ª Violinos**

Ágnes Sárosi  
José Teixeira  
Nonna Manicheva  
Inês Marques <sup>2</sup>  
Anzhela Akopyan  
Daniela Radu  
Xavier Pereira <sup>1</sup>

**Violas**

Joana Cipriano  
Irma Skenderi  
Pedro Pires <sup>2</sup>  
Valentin Petrov  
Andrei Ratnikov  
Sérgio Sousa <sup>1</sup>

**Violoncelos**

Nuno Abreu  
Catarina Gonçalves  
Ana Cláudia Serrão  
Tiago Mirra <sup>2</sup>  
Jian Hong

**Contrabaixos**

Vladimir Kouznetsov  
Ercole de Conca  
Margarida Afonso <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Convidado (a)

<sup>2</sup> Estagiário (a)

OUSADIA E  
EXALTAÇÃO



[ulisboa.pt/musicanauniversidade](https://ulisboa.pt/musicanauniversidade)